

**NOTAS DE UMA BICHA PRETA PESQUISADORA: PENSANDO UMA  
METODOLOGIA PÓS-ESTRUTURALISTA-DECOLONIAL COM GRADA  
KILOMBA**

*Eixo Temático EDUCAÇÃO EM SEXUALIDADE E DESENVOLVIMENTO  
HUMANO: PESQUISAS, TEORIAS E PRÁTICAS*

Micael Oliveira Marques <sup>1</sup>  
Alexandre de Oliveira Fernandes <sup>2</sup>

**RESUMO**

Enquanto pesquisador negro, gay, afeminado, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade – PPGREC/UESB, desenvolvendo pesquisa de mestrado acerca da relação entre vivências escolares e seus efeitos na saúde mental de “bichas pretas”, meu objetivo neste ensaio é (me/nos) convidar a refletir acerca do impacto e relevância do pensamento de Grada Kilomba (2019), explicitamente posto em “Memórias da Plantação”. Partindo da premissa de que a escola é espaço potente de contato com a diferença, no entanto, podendo propiciar a (re)produção de opressões para identidades não-hegemônicas, pensar metodologias sensíveis de contato e valorização de experiências de jovens negros gays no contexto escolar de Jequié, na Bahia, é indispensável e converge para a elaboração de uma metodologia pós-estruturalista-decolonial negra.

**Palavras-chave:** Metodologia Pós-Estruturalista-Decolonial; Grada Kilomba; Bichas Pretas.

**À MARGEM: DEVANEIOS DE UMA BICHA PRETA PESQUISADORA**

“À margem” – pois sou um homem cisgênero, preto, de baixa(íssima) classe média, gay, afeminado, com histórico de formação na Educação Básica, majoritariamente na rede pública de ensino e pesquisador na área de Relações Étnicas.

---

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade – UESB, Campus de Jequié-BA. Pesquisador do Grupo de Pesquisa em Linguagens, Poder e Representação – GELPOC. Endereço eletrônico: [micaelmarques.psi@gmail.com](mailto:micaelmarques.psi@gmail.com);

<sup>2</sup> Doutor em Ciência da Literatura (UFRJ). Professor de Língua Portuguesa no IFBA/Porto Seguro. Líder do Grupo de Pesquisa em Linguagens, Poder e Representação – GELPOC. Endereço eletrônico: [alexandre.pro@gmail.com](mailto:alexandre.pro@gmail.com).

O “que sou”, o que penso, o que pesquiso, o que questiono vem desses atravessamentos nas dimensões subjetiva, empírica e acadêmica. Dito isso, tomo coragem (e ousadia) de formular o problema da minha pesquisa em desenvolvimento: Quais são as relações entre as vivências escolares e a saúde mental de “bichas pretas” no Ensino Médio?

Podem soar pretencioso, narcísico, acientífico, parcial e subjetivo em demasia querer pesquisar sobre saúde mental de um grupo tão específico em *lôcus* tão característico, intimamente relacionado à como me compreendo no mundo; no entanto, pesquisar e escrever sobre essa temática é buscar entender quem eu sou, comprometer-me politicamente e inserir demandas da margem aos discursos. Logo, o que me proponho a pesquisar rompe com os mitos da objetividade e neutralidade científica e assumo tal responsabilidade porque penso a partir da margem, reivindicando um lugar negado por muitos anos (hooks, 2019; KILOMBA, 2019; BUENO; ANJOS, 2021).

Me parece pujante pesquisar sobre a saúde mental de “bichas pretas” no espaço escolar, pois, o conhecimento acumulado na área da educação considera a escola, por um lado, um espaço potente de contato com a multiplicidade identitária, no entanto, impetuosa na (re)produção de racismo, machismo, sexismo, misoginia, capacitismo, meritocracia, classismo, LGBTQIAP+fobia e outras formas de opressão daqueles/as que se afastam da hegemonia e supremacia branca (JUNQUEIRA, 2009; MISKOLCI, 2014; 2017; LOURO, 2019).

Diversas/os pesquisadoras/es nos últimos anos têm se debruçado sobre as relações entre gênero, sexualidade, orientação sexual e relações étnico-raciais, fazendo interseccionalidades importantíssimas entre essas marcas da diferença sociais e o espaço escolar (MISKOLCI, 2014). Porém, na literatura ainda é possível verificar escassez em estudos que versam especificamente sobre saúde mental de gays negros afeminados – os quais tenho (nos) chamado de “bichas pretas”, como ato político de reivindicação e ressignificação, apoiado na perspectiva *queer* (GAMSON, 2006; MISKOLCI, 2017; REA; AMANCIO, 2018) –, sobretudo, no contexto escolar interiorano. Observo reflexões acerca do currículo, das práticas pedagógicas envolvendo “diversidade” e diferença, todavia, a interpretação sobre o aspecto da saúde mental tem sido obnubilada pelo foco na observação do currículo.

Em meu trabalho, me concentro na perspectiva da saúde mental, assumindo a pressuposição que as vivências escolares de bichas pretas dão a ler efeitos (nocivos) a sua saúde mental. Assim, tomarei de empréstimo a interpelação de Kilomba (2019, p.



## VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional  
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação  
em Sexualidade, Gênero,  
Saúde e Sustentabilidade

226) quando questiona “o que o racismo fez com você?”, analogamente tensionando: o que as vivências escolares fizeram com a saúde mental de bichas pretas?

Por esse ser um questionamento deveras delicado, que provavelmente evoca “dor, decepção e raiva” (KILOMBA, 2019, p. 57), é preciso elaborar metodologias sensíveis de coleta e análise dos dados. Nesse sentido, meu objetivo neste ensaio é (me/nos) convidar a pensar acerca do impacto e relevância do pensamento de Grada Kilomba para a desenvolvimento de uma metodologia pós-estruturalista-decolonial negra, com vistas a valorizar vivências escolares de bichas pretas, em Jequié, na Bahia. Em outros termos, busco entender, reconstruir e recuperar experiências de homens gays negros, “levando em consideração as construções de gênero e o impacto do gênero nas suas formas e nas suas experiências de racismo”, numa “pesquisa centrada em sujeitos”, utilizando-me de suas narrativas, remontando suas histórias pessoais “dentro de estruturas racistas e através de narrativas e de experiências da vida real” (KILOMBA, 2019, p. 81).

Para remontar experiências de bichas pretas durante o Ensino Médio, recorrerei a narrativas biográficas, assim como a uma abordagem etnográfica. Aberto aos mais diversos resultados, buscarei aspectos da saúde mental, numa perspectiva pós-crítica e decolonial (hooks, 2019; COLLINS, 2020; MALDONAD-TORRES, 2020), visando identificar efeitos que operam através de pedagogias de gênero e sexualidade e estratégias de (re)xistências no espaço escolar.

### **AMBIÇÕES DE UMA BICHA PRETA: POR QUE UMA METODOLOGIA PÓS-ESTRUTURALISTA-DECOLONIAL?**

A realidade contemporânea nos convida e possibilita reformar o pensamento (MORIN, 2012), descolonizar a metodologia (KILOMBA, 2019), pensar criticamente a pesquisa qualitativa (DENZIN, 2018), trazer para o centro das discussões os discursos que estavam à margem, no lugar da abjeção – o *queer* (GAMSON, 2006; MISKOLCI, 2017). Sendo capturado – e empolgado com essas possibilidades –, tenho pensado a metodologia de minha pesquisa, usando como referencial os estudos de Grada Kilomba.

Grada Kilomba é psicóloga, psicanalista, escritora e artista interdisciplinar. Nascida em Lisboa, Portugal, em 1968, é a autora do livro *Memórias da Plantação*:

*episódios de racismo cotidiano*, publicado em 2008 e lançado no Brasil em 2019, pela editora Cobogó.

De acordo com Kilomba (2019, p. 50), os “conceitos de conhecimento, erudição e ciência estão intrinsecamente ligados ao poder e à autoridade racial”. Na dinâmica acadêmica, a gnose e epistemologia aceita é branca. Assim, é possível elucidar cirurgicamente o óbio: o centro acadêmico não é um local neutro. Na construção do que é “válido” na ciência, há uma relação de jogo de poder, pois “a academia não é um espaço neutro nem tampouco simplesmente um espaço de conhecimento e sabedoria, de ciência e erudição, é também um espaço de v-i-o-l-ê-n-c-i-a” (KILOMBA, 2019, p. 51). Nesse espaço, o pensamento *branco* de universalidade, objetividade e neutralidade é produto e produtor de relações desiguais de poder de raça, as quais tentam invalidar estudos que tratem da realidade das “pessoas da margem”, sugestionando-os como “conhecimento desviante”, apenas “interessante” e “demasiadamente subjetivo” (KILOMBA, 2019, p. 51). Meditemos um pouco mais:

Os temas, paradigmas e metodologias do academicismo tradicional – a chamada epistemologia – refletem não um espaço heterogêneo para a teorização, mas sim os interesses políticos específicos da sociedade branca (Colins, 2000; Nkweto Simmonds, 1997). A epistemologia, derivada das palavras gregas *episteme*, que significa conhecimento, e *logos*, que significa ciência, é a ciência da aquisição de conhecimento e determina que questões merecem ser colocadas (temas), como analisar e explicar um fenômeno (paradigmas) e como conduzir pesquisas para produzir conhecimentos (métodos), e neste sentido define não apenas o que é conhecimento verdadeiro, mas também em quem acreditar e em quem confiar. (KILOMBA, 2019, p. 54<sup>3</sup>).

Falamos aqui de epistemologia para começarmos a pensar em uma metodologia pós-estruturalista-decolonial, a qual estou me propondo elaborar. A minha preocupação por uma metodologia que não seja “quadrada”, “fechada”, “rígida”, está em almejar que os colaboradores – as “bichas pretas” –, protagonizem o processo com suas narrativas, para que seja possível teorizá-las localmente (no contexto escolar, na fase do Ensino

---

<sup>3</sup> Algumas expressões aparecerão em itálico tanto no texto quanto nas citações diretas (e.g. *sujeito*, *branco/a*, *negro/a*), em consonância à grafia e destaques que Grada Kilomba empreende no texto original

Médio, dentro de instituição específica, em uma cidade do interior da Bahia), e quiçá as provocações feitas incentivem outras bichas pretas pesquisadoras.

Sendo assim, a metodologia que estou chamando de “pós-estruturalista-decolonial”, é a que me permite falar de homofobia e racismo no espaço escolar interseccionalmente. A escola, de acordo com Junqueira (2009) e Miskolci (2014; 2017), é um espaço melindroso para discutir raça, etnia, gênero, sexualidade e orientação sexual, contudo, é também espaço de disputa para que essas temáticas sejam tratadas em uma perspectiva de escolarização dos corpos (LOURO, 2019), atendendo um projeto muito bem articulado de colonialismo e normatização de gênero e sexualidade. Essa mesma lógica “pós-estruturalista-decolonial”, deve me permitir compreender que falar sobre esses assuntos evoca dor, decepção, raiva; desenterra traumas. Mas, como alerta Kilomba (2019, p. 57): “tal informação aparentemente privada não é, de modo algum, privada”, representa as vivências de grupos sociais inteiros. “Não são histórias pessoais ou reclamações íntimas”, são denúncias válidas e legítimas de uma sociedade que precisa ser questionada para haver mudanças importantes.

Penso ser coerente que eu, uma bicha preta, possa “sobre ombros de gigantes” como Kilomba, assumir a posição que pense sensivelmente acerca dos efeitos das vivências escolares na saúde mental de outras bichas pretas, tornando-as *sujeitos* na perspectiva do estudo. “Tornando-as *sujeitos*”, pois, essa identidade tem frequentemente seu corpo posto na posição da *Outridade*, do *Outro*, do *objeto*, do *abjeto*, em virtude da projeção heterocisnormativa branca (KILOMBA, 2019). O/A *branco/a* arroga para si a posição de *sujeito* e subjuga os outros grupos sociais a posição de *objeto* (FANON, 2020).

Quem é *sujeito*? Idealmente, é aquele/a que pode, na sua subjetividade, incorporar três diferentes níveis: o político, o social e o individual. Nas palavras de Kilomba (2019):

Ter o status de *sujeito* significa que, por um lado, indivíduos podem se encontrar e se apresentar em esferas diferentes de intersubjetividade e realidades sociais, e por outro lado, podem participar de suas sociedades, isto é, podem determinar tópicos e anunciar os temas e agendas das sociedades que vivem [...] O racismo, no entanto, viola cada uma dessas esferas, pois

pessoas negras e Pessoas de Cor não veem seus interesses políticos, sociais e individuais como parte de uma agenda comum. (KILOMBA, 2019, p. 74-75).

É esse movimento de dar espaço para que grupos subalternizados – e aqui já incorporo à interpretação a realidade de *negros* que são atravessados também pela orientação sexual *gay* – saiam da margem para ocupar o lugar do centro que se tornam “*sujeitos completos*” (KILOMBA, 2019). Ao compreender essa dinâmica e incorporá-la ao escopo metodológico que se realiza uma *pesquisa centrada em sujeitos* – outrora subjugados à posição de *Outridade*. Para ilustrar a questão da *pesquisa centrada em sujeitos*, vejamos:

A *pesquisa centrada em sujeitos* [...] examina as experiências, auto-percepções e negociações de identidade descritas pelo sujeito e pela perspectiva do *sujeito*. Tem-se o direito de ser um *sujeito* – político, social e individual – em vez da materialização da *Outridade*, encarcerada no reino da objetividade. Isso só se torna concebível quando existe a possibilidade de expressar a própria realidade e as experiências a partir de sua própria percepção e definição, quando se pode (re)definir e recuperar a própria história e realidade. (KILOMBA, 2019, p. 81).

Haja vista que a *pesquisa centrada em sujeitos* valoriza as suas vivências, tornando-os *sujeitos completos*, Kilomba (2019), orienta em relação a narrativas biográficas:

A abordagem da *narrativa biográfica* permite não apenas aprender sobre as experiências atuais de racismo dos entrevistados, mas também que as entrevistadas criem uma *gestalt* sobre a realidade do racismo em suas vidas. Possibilitando a reconstrução da experiência negra dentro do racismo. (KILOMBA, 2019, p. 85).

Em meu contexto de pesquisa, então, essa perspectiva torna-se interessante pois possibilita às bichas pretas criarem uma *gestalt* sobre a realidade das suas vivências escolares – que podem ser atravessadas por racismo e homofobia, como apontado pela literatura ou, surpreendentemente, não – e seus efeitos na saúde mental. O impacto do pensamento de Kilomba (2019) coaduna com o trato que tenho em relação pesquisa, especialmente, acerca dos sujeitos pesquisados. Acredito que vale a menção ao método de *análise de episódica*, o qual, avançando no trabalho, porventura, poderá ser profícuo:

Não há um modelo normativo que descreva passos ideais envolvidos na análise de dados sobre o racismo cotidiano (Essed, 1991). Portanto, não selecionei excertos de acordo com a técnica de seleção predefinida. Na verdade, escolhi transcrever cada entrevista e depois selecionar episódios baseados nos tópicos centrais das experiências com racismo como contados pelas entrevistadas por meio de suas biografias. Chamo essa forma de análise de episódica. (KILOMBA, 2019, p. 88).

Esse método de escuta e análise me parece apropriada e adaptável. Primeiro porque é um meio de horizontalizar a relação pesquisador-colaborador. Fazer pesquisas entre iguais (bicha preta que pesquisa realidade de outras bichas pretas na escola, neste caso), estabelece “relações não hierárquicas entre pesquisadoras/es e informantes, ou seja, onde há experiências compartilhadas, igualdade social e envolvimento com a problemática” (KILOMBA, 2019, p. 82). Por conseguinte, essa forma de pesquisar por ser pensada e teorizada por uma mulher *negra*, representa um rompimento com a epistemologia da neutralidade e objetividade pensada e mantida pela branquitude, visando seus próprios interesses de silenciamento. Ao meu ver, isso é descolonização e nos dá sustentação para pensar uma metodologia pós-estruturalista-decolonial.

### **ARREMATANDO DEVANEIOS E AMBIÇÕES: UMA (QUASE) CONCLUSÃO**

Convidei-me/nos a refletir sobre algumas impressões que julgo relevantes do pensamento de Kilomba, explicitamente posto em *Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano* (2019) e seu impacto em minha pesquisa, que pode vir a encorajar outras pesquisas negras.

Romper com o mito da objetividade e da neutralidade é um desafio contínuo. A partir da tensão de ideias coloniais, colonizadoras e normatizadoras podem emergir metodologias pós-estruturalistas-decoloniais. Questionamentos em relação a essas escolhas certamente ocorrerão – e já ocorrem –, no entanto, acredito que não haja outro caminho para pesquisar a relação entre vivências escolares e seus efeitos na saúde mental de “bichas pretas”, que não esse.

Finalizo reforçando que é pujante horizontalizar a relação pesquisador-colaborador (aqui, bicha-preta-pesquisadora e bicha-preta-colaboradora), para significar e fortalecer nossas (re)xistências nos espaços acadêmicos. Não é objetivo da pesquisa ou da metodologia aplicada “salvar o mundo”, mas de encetar uma discussão sobre a realidade de bichas pretas na escola, tirando essas experiências da margem.

## REFERÊNCIAS

- BUENO, Winnie de C., ANJOS, José C. dos. Da interseccionalidade à encruzilhada: Operações epistêmicas de mulheres negras nas universidades brasileiras. **Civitas - Revista de Ciências Sociais**, v. 21, n. 3, p. 359-369, 7 dez. 2021.
- COLLINS, Patrícia Hill. Epistemologia feminista negra. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón (Orgs.). **Decolonialidade e Pensamento Afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. p 139-170.
- DENZIN, Norman K.. Investigação Qualitativa Crítica. **Sociedade, Contabilidade e Gestão**, [S.L.], v. 13, n. 1, p. 105, 27 nov. 2017. Programa de Pos-graduação em Ciências Contábeis da UFRJ. [http://dx.doi.org/10.21446/scg\\_ufrj.v13i1.14178](http://dx.doi.org/10.21446/scg_ufrj.v13i1.14178).
- FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. São Paulo: Ubu, 2020. 320 p. Tradução: Sebastião Nascimento e Raquel Camargo.
- GAMSON, Joshua. As sexualidades, a teoria queer e a pesquisa qualitativa. In: DENZIN, Norman K., LINCOLN, Yvonna S. (Org.). **O Planejamento da Pesquisa Qualitativa: Teorias e Abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006. Cap. 12. p. 345-362.
- hooks, bell. **Teoria feminista: da margem ao centro**. São Paulo: Perspectiva, 2019. 259 p. Tradução: Rainer Patriota.
- JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Homofobia nas escolas: um problema de todos. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). **Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre homofobia nas escolas**. Brasília: Ministério da Educação, 2009. p. 13-51.
- MALDONADO-TORRES, Nelson. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón (Orgs.). **Decolonialidade e Pensamento Afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. p 27-54.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. 248 p. Tradução: Jess Oliveira.
- LOURO, Guacira Lopes (Org.). Pedagogias da Sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. **O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p. 7-34.
- MISKOLCI, Richard (org.). **Marcas da Diferença no Ensino Escolar**. São Carlos: Edufscar, 2014. 220 p.
- MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. São Paulo: Autêntica, 2017.



MORIN, Edgar. A reforma de pensamento. In: MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita:** repensar a reforma, reformar o pensamento. 20. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2012. Cap. 8. p. 87-98. Tradução: Eloá Jacobina.

REA, Caterina A.; AMANCIO, Izzie M. S. Descolonizar a sexualidade: Teoria Queer of Colour e trânsitos para o Sul. **Cadernos Pagu**, n. 53, p. 1-38, 02 abr. 2018.